

O livro e o mundo – de seus múltiplos fins

The book and the world - about its multiple purposes

André Brayner de Farias

Oceanógrafo, formado pela FURG e com mestrado e doutorado em filosofia, pela PUCRS. Realizou estágio doutoral na Université de Toulouse Le Mirail (France). Atualmente é professor do PPG em Filosofia da UCS (Caxias do Sul/RS) e da Escola de Humanidades da PUCRS (Porto Alegre/RS). Pesquisa temas relacionados à hospitalidade, biopolítica, ética ambiental, alteridade, desconstrução e pós-história. Organizou a coletânea Vilém Flusser: filosofia do desenraizamento (Clarinete, Porto Alegre).

E-mail: abraynerfarias@yahoo.com.

Submetido em 10/02/2016

Aceito em 11/03/2016

DOSSIÊ

RESUMO

A questão do futuro da escrita e do livro é tema recorrente na obra de Vilém Flusser. A filosofia da pós-história e da imagem técnica não pode cessar de recolocar em movimento a pergunta há futuro para a escrita? Da consideração dessa importante questão depende o futuro do pensamento. Mas não só do pensamento, pois a ideia de mundo também se encontra aí articulada. Tomando como contraponto um conto de Julio Cortázar, Fim do mundo do fim, o presente ensaio procura levar adiante as questões flusserianas sobre o lugar da escrita em nosso tempo, bem como pensar sobre os múltiplos fins do livro e do mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Livro; mundo; pós-história; escrita.

ABSTRACT

The question of the future of both writing and book is a recurrent theme in the works of Vilém Flusser. The post-history and technical image philosophy can not cease to call into motion the question: Is there a future for writing? From the consideration of this important question depends the future of thought. But not only the thought, for the idea of world is also articulated in it. Taking as basis a story of Julio Cortázar, End of the end of the world, this essay seeks to carry forward the Flusser's questions about the place of writing in our time and incite to think about the multiple purposes of the book and the world.

KEYWORDS: Book; world; post-history; writing.

Como os escribas continuarão, os poucos leitores que no mundo havia vão mudar de profissão e adotar também a de escriba. Cada vez mais os países serão compostos por escribas e por fábricas de papel e de tinta, os escribas de dia e as máquinas de noite para imprimir o trabalho dos escribas.

(Cortázar)

Se devemos abrir mão da escrita, então não haverá em nosso meio ambiente qualquer tipo de papel a não ser o de embalagem. Movida pela saudade, a celulose retornará a suas células; as florestas ficarão mais verdes; e o junco não balançará mais ao vento matinal apenas às margens do Nilo, mas em todos os rios da terra. O puro horror não envolve a nós, traças de livros e cupins que devoram os papéis, nessa utopia verde?

(Vilém Flusser)

No conto *Fim do mundo do fim*, Julio Cortázar descreve a mutação do mundo causada pelo trabalho incessante e quase automático dos escribas. Nessa fantástica narrativa a ausência de leitores, ao invés de significar o fim do trabalho de escrever, dá lugar a um movimento descontrolado de produção de livros. Se não há mais leitores, o que fazer senão produzir mais livros? Se não há mais utilidade para os livros, o que fazer senão converter a produção de livros em sua própria finalidade? Pois é isso o que se vê quando vemos que em todos os lugares do mundo os livros começam a proliferar como uma verdadeira praga; as bibliotecas, não cabendo mais em si mesmas, invadem todos os lugares possíveis e imagináveis de um mundo que vai literalmente se convertendo em papel e texto. Literalmente mesmo!

Em um ritmo superacelerado, Cortázar nos leva a seguir um processo de mutação da natureza inteira. Os livros invadem todos os espaços terrestres. Se não há mais leitores, por que motivo os livros têm que se confinar no interior das bibliotecas? Libertos de sua destinação, os livros saem a conquistar mais espaços: áreas de recreação infantil, teatros, maternidades, matadouros, cantinas e hospitais. Quase não há como impedir que as rodovias sejam ocupadas por livros, mas elas vão se estreitando cada vez mais entre paredes imensas de livros que não param de crescer. “Às vezes uma parede cede e há espantosas catástrofes automobilísticas” (Cortázar, 2009, p. 60).

O reconhecimento do trabalho dos escribas é tão irrestrito que o resultado é que não há mais espaço para livros na terra, os livros já se empilham à beira mar e já começam a explorar suas áreas de ocupação no leito dos mares e oceanos, em um processo desenfreado e muito acelerado. A decisão de jogar no mar o excedente de livros é uma decisão política de alta envergadura, que envolve todos os presidentes das repúblicas de áreas costeiras. O resultado é altamente satisfatório para os escribas, pois com a decisão eles recuperam espaços em terra e conseguem levar para muito mais longe sua produção.

O fundo dos oceanos já começa a ser tomado por uma pasta aglutinante de papel escrito, que começa a crescer, configurando lentamente um fenômeno geológico de proporções geopolíticas. O surgimento de novos e a redistribuição de velhos territórios determinam novos jogos e ambições governamentais. A água do mar se espalha por diversos cantos e começa a se evaporar de forma muito mais acelerada, enquanto não para de crescer o volume dos impressos que são jogados nos mares cada vez mais rasos. Os navios com seus capitães ainda em circulação começam a sentir dificuldade de continuar suas rotas e lentamente vão desacelerando. “Afinal, todos os navios param em diferentes pontos dos mares, encalhados na pasta, e os escribas do mundo inteiro escrevem milhares de impressos explicando o fenômeno, cheios de uma grande alegria” (Cortázar, 2009, p. 61). Os navios encalhados se transformam em cassinos onde presidentes e capitães fazem festas regadas a música típica argentina.

A geografia do planeta continua a se redesenhar com o fim de todos os mares, pois os impressos continuam a se depositar por cima da pasta aglutinante, até que a sua total solidificação começa a dar vazão a montanhas que vão crescendo ao redor dos antigos mares. Mas chega um momento em que as fábricas de papel e tinta começam a entrar em crise, o que leva a uma adaptação do trabalho dos escribas: diminuem o tamanho da letra, aproveitam até o último limite das margens não escritas, escrevem a lápis, quando acaba a tinta, escrevem em tábuas e ladrilhos, quando acaba o papel. “Começa a difundir-se o hábito de intercalar um texto em outro para aproveitar as entrelinhas, ou se apagam com lâminas de barbear as letras impressas, para utilizar novamente o papel” (Cortázar, 2009, p. 61). Os escribas trabalham com dificuldade crescente, dada a escassez de recursos e o esgotamento das alternativas, mas seguem escrevendo e modificando a arquitetura do mundo. No fim do conto, o início do *fim do livro* origina um fantástico cenário de *fim do mundo*, surpreendentemente verossímil:

Na terra vive precariamente a raça dos escribas, condenada a extinguir-se, e no mar estão as ilhas e os cassinos, isto é, os transatlânticos onde se refugiaram os presidentes das repúblicas, e onde se celebram grandes festas e se trocam mensagens de ilha a ilha, de presidente a presidente, e de capitão a capitão (Cortázar, 2009, p. 62).

A descrição de Cortázar é uma espécie de filosofia *da natureza*, além de ser mais imediatamente uma visão *da cultura*, uma vez que o autor nos leva a não só intuir, mas a enxergar o movimento do mundo, ou como diz Aristóteles, o ser enquanto mutabilidade. Um processo de criação do mundo está em curso, e o fato de que os oceanos vão se modificando até desaparecerem, e surgirem montanhas nos lugares onde antes era beira mar, significa um movimento da natureza cujo coeficiente são os *impressos*, o produto do trabalho incessante dos escribas, ou seja, o produto da cultura mais refinada.

Cortázar nos faz ver *a cultura criando a natureza*, para finalmente embaçar o limite que nosso senso de realidade acredita haver entre cultura e natureza. De certa maneira, a literatura fantástica de Julio Cortázar acusa a ficção de nosso senso de realidade, saturando e suturando as *noções normais* ao limite do fantástico. O papel retorna à natureza, não na forma de células vegetais, mas constituindo estruturas geológicas que vão modificando drasticamente a superfície do planeta, e sobre as quais, com o tempo, novas camadas de células vegetais haverão de brotar, e terão brotado sobre seu próprio futuro, o papel. E como se trata de um movimento do trabalho humano, da escrita, da *cultura* livresca, a proliferação de livros determina os rumos da história, da política, do mundo como cultura ou, como diria Flusser, de nossa segunda natureza.

A ausência de leitores, ao mesmo tempo que significa o *fim da finalidade dos livros*, e esta é uma das múltiplas possibilidades de interpretar o título da narrativa¹, significa também um catalisador do processo de construção e desconstrução do mundo, a tal ponto que não faz mais qualquer sentido dar significado à distinção entre natureza e cultura. Os novos territórios são formados não por intenções históricas determinadas, pacientemente pelo trabalho milenar de recepção e interpretação da literatura, da filosofia e da ciência, mas pela conversão direta de papel impresso em matéria-prima do mundo.

O efeito catalisador da ausência de leitores não significa ausência de valorização, como era de se esperar, mas nova forma de reconhecimento do trabalho do escritor, como se o mundo inteiro resolvesse finalmente admitir a si mesmo: 'eis a utilidade da raça dos escribas, não apenas elaborar e sedimentar as camadas intermináveis de interpretação do mundo e da história, mas produzir as camadas geológicas que interferem na distribuição das águas e da terra, e consequentemente no manejo político dos territórios'; ou como se dissessem ainda: 'nós reconhecemos tanto e a tal ponto o competente trabalho dos escribas, que dispensamos a leitura de seus textos e desobstruímos o caminho que deve realizar seu autêntico destino, a criação da natureza e do mundo'; ou ainda como se tivessem superado a necessidade de demarcar a diferença entre camadas textuais de interpretação e camadas geológicas de sedimentação. Senão, vejamos: modificar o leito dos rios e oceanos não é o que seguimos fazendo ao longo de tantos séculos de história interpretativa? A transposição das águas do Rio São Francisco não é o resultado de nosso lento e milenar trabalho de escribas e intérpretes?

Seria a história de Cortázar *apenas* uma versão fantástica do chamado *antropoceno*² ou será o *antropoceno*

1 Não quero dar muita ênfase às possibilidades de interpretar o título da história de Cortázar, *Fim do mundo do fim*, mas basta imaginar que a palavra *fim* denota tanto término quanto finalidade, e depois experimentar as possibilidades semânticas que derivam da duplicidade da palavra *fim* e dos múltiplos efeitos de espaçamento, como diria Derrida, que essa duplicidade produz no título cortazariano.

2 Este é o nome proposto por Paul Crutzen e Eugene Stoermer para definir a época geológica que estamos vivendo. Nem um pouco entusiasmante, mas radicalmente inadiável é a leitura do livro *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*, de Débora Danowski e Eduardo Viveiros de Castro, de onde eu tiro as informações sobre o conceito geológico de *antropoceno*. Cito dois trechos: "esse futuro-que-acabou chegou, assim, novamente – o que sugere que ele talvez nunca tenha cessado de já ter começado: no Neolítico? na Revolução Industrial? a partir da 2ª Grande Guerra? Se a ameaça da crise climática é menos espetacular que aquela dos tempos do perigo nuclear (que não deixou de existir, sublinhe-se), sua ontologia é mais complexa, tanto no que respeita às conexões com a agência humana, como à sua cronotópica paradoxal. Seu advento recebeu 'nosso' nome, *Antropoceno*, designação proposta por Paul Crutzen e Eugene Stoermer

também uma versão fantástica de nossa história? Como demarcar com precisão a diferença entre ficção e realidade?³

No ensaio *Livros* (Flusser, 2010a), Vilém Flusser imagina um mundo que superou a necessidade de escrever. O mundo flusseriano da *pós-história* ou da *pós-escrita* também poderia servir para uma caracterização geológica de nossa época, poderia ser uma outra maneira de dizer o antropoceno, mas não falaria em termos geofísicos *stricto sensu*.

O procedimento de Flusser não deixa de ser fantástico, quando, por exemplo, ele nos faz intuir *a saudade que faz a celulose do papel retornar ao estágio de célula vegetal*, o que fará com que o junco balance nas margens de todos os rios da Terra, não só do Nilo. O horror que tal visão causa a nós consumidores de papel é a própria *inanição do fim do mundo*. Se o antropoceno descreve um presente sem porvir, a pós-história descreve o horror de um horizonte pós-humano e pós-escrito onde as florestas voltam a ocupar a face da Terra, o que representa a condenação da raça das traças humanas, os escribas⁴.

Por que motivo a visão de lindas florestas verdejantes e juncos balançando nas margens dos rios pode causar horror, senão pelo fato de que tal paraíso só pode existir se o mundo se livrar da necessidade do escritor e da escrita? O escritor só poderá sentir calafrios ao tentar escrever sobre um mundo refratário à escrita, pois é como escrever a própria morte. Semelhante descrição dos juncos e florestas verdejantes só pode ser a descrição do fim do mundo, ou de um *presente sem porvir*.

Flusser responde à pergunta que faz no subtítulo do livro, *há futuro para a escrita?*, com a visão do horror, um

para o que eles entendem ser a nova época geológica que se seguiu ao Holoceno, a qual teria se iniciado com a Revolução Industrial e se intensificado após a Segunda Grande Guerra” (Danowski; Viveiros de Castro, 2014, p. 14-15); “O Antropoceno (...) é uma época, no sentido geológico do termo, mas ele aponta para o fim da ‘epocalidade’ enquanto tal, no que concerne à espécie. Embora tenha começado conosco, muito provavelmente terminará sem nós: o Antropoceno só deverá dar lugar a uma outra época geológica muito depois de termos desaparecido da face da Terra. Nosso presente é o Antropoceno; este é o nosso tempo. Mas este tempo presente vai se revelando um presente sem porvir, um presente passivo, portador de um karma geofísico que está *inteiramente fora de nosso alcance* anular – o que torna tanto mais urgente e imperativa a tarefa de sua mitigação” (Danowski; Viveiros de Castro, 2014, p. 16). O fato de que temos essa tarefa urgente e imperativa deve nos dar algum alento nessa temporalidade antropocênica sem porvir.

3 Para compreender a questão da *ficção* em Vilém Flusser, recomendo a leitura de dois ensaios: *Ciência como ficção*, de Gustavo Bernardo, presente em BERNARDO, Gustavo; FINGER, Anke; GULDIN, Rainer (orgs.). *Vilém Flusser – uma introdução*; e *Zona cinzenta – imaginação e epistemologia fabulatória em Vilém Flusser*, de Erick Felinto, presente em FARIAS, André Brayner (org.). *Vilém flusser – filosofia do desenraizamento*. A bibliografia completa encontra-se no final.

4 É triste ter que admitir, com essa intuição flusseriana do retorno da celulose a seu estado de célula vegetal, que o humano, esse animal que além de falar escreve, é incompatível com o equilíbrio ecológico. Nenhuma visão romântica do amor à natureza é capaz de suspender o calafrio que Flusser nos faz sentir ao nos conduzir para um mundo *ausente de nós*. A visão de um escritor em uma cabana bucólica, se inspirando com a vista do paraíso disponível pela janela de seu quatinho aconchegante e aquecido, chega a comover de tão ingênua e irreal. Flusser poderia dizer que se engajar pela ecologia é se engajar pelo nosso suicídio coletivo. Mas em seguida diria: *o que acaba de ser dito é inconcebível, não podemos aceitar uma tal conclusão tão deprimente*. Em todo caso a ficção de Flusser é para fazer pensar, ou seja, para imaginar. No lugar da raça dos escribas vingaria a raça dos seres de silício, máquinas com inteligências artificiais que há muito tempo teriam começado um lento processo de escravização da raça inferior dos escribas. Esse processo foi evoluindo cada vez mais na direção de tornar irrelevante e dispensável a raça dos escribas, onerosa e inoperante. Obviamente que a visão do horror inclui a inteligência artificial na medida em que exclui a nossa limitada inteligência e consciência naturais.

mundo que descartou o escritor e pôde voltar a ser verde de novo. O tempo antropocênico do presente-sem-porvir⁵ responde também: *não precisamos mais da escrita*. Mas responderia em termos geofísicos, e com a pretensão epistêmica de quem está com a verdade.

A situação seria simples se a ideia do antropoceno fosse tratada no sentido estritamente geofísico, como época do fim dos parâmetros espaciais e temporais do humano. Nesse sentido geofísico não há futuro para a escrita assim como não há futuro para nada do que seja humano. Alguém diria – ‘mas as máquinas inteligentes foram feitas por humanos’ – sim, é verdade, da mesma forma como provavelmente carreguemos cromossomos de antepassados muito longínquos. Findo o antropoceno, não há dúvida de que as máquinas que dominarão o mundo e suas verdejantes florestas já nem se lembrarão de seu longínquo antepassado humano. O humano será um fugaz espectro na visão do robô contemplando o paraíso verde.

Porém a questão não é simples porque não é pela via do discurso geológico que saberemos reconhecer o lugar da escrita em nossa temporalidade. É preciso fazer a mesma pergunta, se *há futuro para a escrita?*, considerando por um lado a ausência de porvir, mas por outro, o fato de que o chamado karma biogeofísico do antropoceno vai demorar ainda para se concluir, ou seja, ainda reproduziremos em muitas gerações, e que portanto, tecnicamente, ainda podemos falar em *futuro* e em todas as consequências que essa palavra acarreta para a vida. Ainda assim é a visão do horror: não há futuro para a escrita, ainda que continuemos por muitas e muitas gerações, porque nessa temporalidade antropocênica parece *não haver futuro para o futuro*, já que o presente é sem porvir. Não há futuro para a escrita porque não há futuro para o futuro, mesmo que ainda continuemos a gerar netos e bisnetos. Triste fim do mundo, triste fim do livro.

Se a escrita continua na pós-história – e ela continua, não obstante sua condição de não ter mais condições – é como algo que vai cada vez mais pertencendo ao mundo paralelo, e do qual, diga-se, felizmente tudo indica que cresce a população. Mas é preciso admitir que a existência da escrita na pós-história é no mínimo *estranha*. Escritores estão de ora em diante fadados a serem cada vez mais estranhos, pois serão, como sempre foram, atravessados pela temporalidade do porvir, a escrita, mas estarão vivendo há tempos em presente sem porvir, existência antropocênica.

É preciso admitir que o mundo que avança na esteira indomável dos aparelhos não depende mais da escrita para se mover. Mas aqui já se impõe a questão sobre se o mundo dos aparelhos se move de fato ou se está estacionado num presente cujo programa consiste em banir toda possibilidade real de futuro. Aqui se impõe a questão sobre se há movimento no sentido de abertura rumo ao imprevisível, já que o programa, o aplicativo, o dispositivo da vez, em sua elasticidade aparentemente ilimitada, *parece que* tem dado conta do conceito de

5 Aliás, não custa lembrar, uma temporalidade muito semelhante àquela descrita por Jonathan Crary em seu ensaio *24/7 – capitalismo tardio e os fins do sono*. (A palavra *fins* no título de Crary tem uma polissemia semelhante a do título do conto de Cortázar que comento aqui).

novidade. (E é só uma questão de tempo para que dê conta *aparentemente também* do conceito de *natalidade*, e toda engenharia genética está aí para prová-lo).

Então, é questionável a ideia de que há um *movimento* no mundo pós-histórico aparelhado. Flusser diz que a temporalidade pós-histórica tem algo que se assemelha à temporalidade pré-histórica. Não convém exagerar na comparação, que pode soar simétrica demais e abstrata. Mas haveria uma circularidade em nossa relação com as tecnoimagens e, isto sim, com toda certeza, uma flagrante *velha e nova idolatria*⁶. O fetiche se refere a tudo o que envolve o aparelho: o próprio aparelho – mas esse é sempre descartável e substituível por outro mais flexível a novas aplicações e aplicativos –, os programas, as imagens e suas funções. Se há movimento é para dentro das possibilidades do aparelho; se há liberdade, ela depende de alguma função disponível pelo aparelho. Como diz Flusser, “o aparelho faz o que o fotógrafo quer que faça, mas o fotógrafo pode apenas querer o que o aparelho pode fazer” (Flusser, 2010b, p. 28), lembrando que as noções tanto de *aparelho* quanto de *fotógrafo* são paradigmáticas, e não precisam ser entendidas no sentido estrito. O que ele quer dizer é que somos todos alguma derivação do *fotógrafo*, e que nossos aparelhos, os instrumentos eletrônicos e todas as instâncias administrativas, científicas e políticas, reguladas por programas, que por sua vez são regulados por metaprogramas, que por sua vez são todos alguma derivação do *aparelho fotográfico*. A análise da fotografia é um pretexto que Flusser utiliza para falar da *caixa-preta*⁷, que se disseminou e continua se disseminando pelo mundo. No universo das imagens técnicas somos todos *funcionários* de programas, a serviço de programas que cada vez mais caminham na direção de se tornarem independentes de seus funcionários, em direção ao descarte da matéria orgânica ou na direção de uma mutação do conceito de organismo, o silício no lugar do carbono, para falar geoquimicamente. Somos peças cada vez mais dispensáveis para *mover* o mundo pós-histórico. É duvidoso afirmar que há *movimento* no mundo aparelhado da pós-escrita, pelo menos não podemos mais aplicar esse conceito no sentido *histórico*.

Mas não podemos cair em depressão. É preciso escrever o outro lado do que significa a ausência de condição da escrita, o karma biofísico de sua ausência de futuro. Talvez possamos ter, desde a situação pós-histórica, uma visão privilegiada da condição ontológica da escrita. Essa condição é a própria ausência de fundamento: *a escrita também é bodenlos*⁸, não apenas o escritor. Essa visão pode virar o jogo a nosso favor, pois, de alguma maneira a necessidade de *movimento*, ou seja, de *deslocamento*, de *desenraizamento* é sintomática no mundo aparelhado. Temos que admitir que há um *ressentimento* de *movimento*, uma necessidade que não mergulha no fundo de si mesma, pois está, de uma certa forma, alienada desse *fundo* que é, no fundo, um *fundo his-*

6 Ver o capítulo *O futuro da escrita* em *O mundo codificado* de Flusser, no qual o filósofo relaciona os conceitos de idolatria, imagem e escrita.

7 Para entender os conceitos de *caixa-preta*, *fotografia*, *programa*, *aparelho* e *funcionário*, recomendo a leitura de *Filosofia da caixa-preta* e *O universo das imagens técnicas*.

8 *Bodenlos* é como Flusser intitula sua autobiografia filosófica. O conceito de *bodenlos*, sem chão, é central na obra do filósofo e configura toda questão do desenraizamento e da apatricidade (Cf. Flusser, 2010c).

tórico. E é possível que isso possa ser tratado com a *escrita*, pois o ressentimento é uma doença e já que não queremos ficar doentes.

O outro lado da falta de condições da escrita é uma *força política que realiza afirmativamente o movimento*. E realiza somente porque seu *desejo* vai no fundo de si mesmo; realiza porque, diferentemente da necessidade ressentida no mundo aparelhado, ocorre um *acolhimento desse desejo*, que resulta num *movimento afirmativo*. O problema é que do movimento ressentido do mundo aparelhado para o movimento afirmativo do mundo da escrita há uma diferença de natureza ontológica e nenhuma indicação de cruzamento ou de inflexão, nenhum canal de comunicação, e isso explica porque a força política da escrita é frágil e pode permanecer em silêncio e sem operação, sem tentáculos no mundo para transmitir seu movimento.

Mas é possível supor que o mundo pós-histórico está valorizando a escrita, digamos que às avessas, pois há uma necessidade de expansão que não encontra, nos múltiplos arranjos do aparelho, condições efetivas para se realizar. A *escrita* produz um efeito de deslocamento que não só continua interessando como tem demonstrado uma tendência de crescimento que não parece combinar com a tendência de expansão do mundo dominado pelas *tecnoimagens*. Ou seja, *uma demanda histórica se atualiza no território de expansão pós-histórica*.

Na ausência de condições, que não é apenas ausência de leitores, mas também de futuro, condenados a um presente sem porvir, que já começou, mas continuará começando, os escribas não só continuarão a produzir seus impressos como aumentarão a sua produção, pois o mundo saberá como nunca reconhecer a importância de seu trabalho, uma vez que sempre uma demanda histórica continuará se atualizando no mundo, uma demanda de liberdade e de reconhecimento da escrita como lugar privilegiado de invenção da liberdade.

Na ficção de Flusser, que prevê o retorno da celulose a seu estado vegetal, vai ser possível adiar o fim do mundo porque os aparelhos são ótimas máquinas de escrever, dotadas de memórias muito mais eficientes que as de celulose. Na narrativa de Cortázar, o cenário do fim já se deixa ver, pois os escribas esgotam a cada dia seus suportes, não há mais onde escrever, embora ainda haja muita necessidade e vontade de escrever; os presidentes das repúblicas e os capitães fazem festas nos cassinos, que são os transatlânticos encalhados, provavelmente porque não resta mais nada a fazer a não ser esperar e festejar o fim do mundo. Nesse mundo fantástico toda matéria vegetal se converteu em celulose, o planeta virou um maciço de papelão a vagar pelo universo. (Mas não resisto em imaginar um outro cenário, algo mais realista, para esse fim provocado pela extinção da vida vegetal: o derretimento de todo gelo da terra, a elevação descontrolada do nível das águas, também provocada por dilúvios intermináveis, a submersão de toda terra habitável, a extinção em massa de populações inteiras, a sobrevivência dos últimos milionários, que continuarão apostando suas riquezas nos cassinos dos transatlânticos que vagarão à deriva numa Terra transformada em um único oceano, a vagar pelo universo, e desses transatlânticos, de quando em quando, é possível avistar algumas terras estranhas, todos

já sabem, são os cumes das mais altas montanhas que haviam antes do grande degelo e do grande dilúvio, e que agora são as novas ilhas do planeta, que não são batizadas com nenhum nome porque não oferecem condições de atracar com segurança).

*

Singelamente, poderíamos dar uma resposta aos geólogos do fim do mundo: dizendo que enquanto houver escritores, livros e leitores haverá mundo porvir, porque não cessarão de aparecer novas camadas de interpretação do mundo. Talvez os geólogos começassem a admitir que suas camadas, por mais geológicas que sempre tenham sido, nunca deixaram de ser *também* camadas de interpretação do mundo, e que, portanto, há algo que permanece aberto e inconcluso dentro da própria visão ou versão geológica do mundo. Talvez pudessem formar o consenso em torno do conceito de antropoceno admitindo seu caráter *fictício*, mas nem por isso inverossímil. Ao menos, roguemos para que a formação desse consenso, que está em curso, não suspenda o caráter *hipotético* dessa ciência, que é o que, segundo Flusser, garante sua autenticidade discursiva. Provavelmente isso não vai modificar o curso dos acontecimentos, lamento informar, pois continuaremos sem condições para interromper o desastre ou suspender a fatalidade do fim; mas o *porvir* voltaria à cena com força capaz de suspender, *talvez*, a tendência depressiva e paralisante que acompanha as verdades científicas sobre o fim do mundo.

Se continuamos escrevendo, produzindo livros e leitores, e tudo indica que continuaremos, tudo indica que ainda haverá muito futuro para o futuro.

Referências bibliográficas

BERNARDO, Gustavo. Ciência como ficção. In: BERNARDO, Gustavo; FINGER, Anke; GULDIN, Rainer (Orgs.). *Vilém Flusser – uma introdução*. São Paulo: Annablume, 2008.

CORTÁZAR, Júlio. *Histórias de cronópios e de famas*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.

CRARY, Jonathan. *24/7 – capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DANOWSKI, Débora; CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Desterro, Florianópolis: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2014.

FARIAS, André Brayner (Org.). *Vilém Flusser: filosofia do desenraizamento*. Porto Alegre: Clarinete, 2015.

FLUSSER, Vilém. *A escrita – há futuro para a escrita?* São Paulo: Annablume, 2010a.

_____. *Filosofia da caixa-preta – ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. *Pós-história – vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: Annablume, 2011.

_____. *O universo das imagens técnicas – elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2010b.

_____. *O mundo codificado – por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. *Bodenlos – uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2010c.